A VITA NUOVA E AS EGLOGAE DE DANTE: UMA TRAVESSIA POÉTICA DO LÍRICO AO BUCÓLICO

Maria Cecilia Casini (USP)
Isabella Tavares Sozza Moraes (USP)

Resumo: Este artigo propõe uma análise comparativa entre duas obras de Dante Alighieri aparentemente distantes: Vita Nuova, escrita em língua vernácula e de caráter autobiográfico e lírico, e as Eglogae, composições em latim que dialogam com a tradição bucólica de Virgílio. A justificativa reside na necessidade de compreender a unidade do projeto dantesco para além da divisão entre obras "menores" e "maiores", explorando como o poeta articula diferentes registros linguísticos e gêneros literários em sua trajetória criativa. O objetivo geral é investigar como Dante constrói uma poética da transição, na qual a experiência amorosa e espiritual da Vita Nuova se desdobra em reflexão política, filosófica e linguística nas Eglogae. A metodologia consiste em análise textual close reading, com base no arcabouço teórico da crítica dantológica, da filosofia da linguagem e dos estudos de recepção clássica. O corpus inclui a Vita Nuova e as duas Eglogae dirigidas a Giovanni del Virgilio. Os resultados indicam que Dante não abandona o tema do amor ou a busca por uma linguagem poética adequada ao transcendente, mas os recontextualiza em um diálogo com a tradição clássica, antecipando questões que culminarão na Commedia.

Palavras-chave: Dante Alighieri. Vita Nuova. Eglogae. poética. língua vernácula. tradição clássica.

Abstract: This article proposes a comparative analysis between two seemingly distant works by Dante Alighieri: Vita Nuova, written in the vernacular and of an autobiographical and lyrical nature, and the Eclogues, compositions in Latin that dialogue with the bucolic tradition of Virgil. The justification lies in the need to understand the unity of the Dantean project beyond the division between "minor" and "major" works, exploring how the poet articulates different linguistic registers and literary genres in his creative trajectory. The general objective is to investigate how Dante constructs a poetics of transition, in which the amorous and spiritual experience of Vita Nuova unfolds into political, philosophical, and linguistic reflection in the Eclogues. The methodology consists of close reading textual analysis, based on the theoretical framework of Dantology, philosophy of language, and studies of classical reception. The corpus includes Vita Nuova and the two Eclogues addressed to Giovanni del Virgilio. The results indicate that Dante does not abandon the theme of love or the search for a poetic language adequate to the transcendent but recontextualizes them in a dialogue with the classical tradition, anticipating questions that will culminate in the Commedia.

Keywords:

Dante Alighieri; Vita Nuova; Eclogues; poetics; vernacular; classical tradition.

Introdução

A obra de Dante Alighieri constitui um dos pilares da literatura ocidental, não apenas pela monumentalidade da Commedia, mas também pela complexidade e coerência de seu

projeto intelectual. Entre os escritos do autor, dois conjuntos textuais parecem ocupar extremos opostos: de um lado, a Vita Nuova, obra de juventude escrita em volgare, que narra a experiência amorosa e poética do poeta em relação a Beatrice; de outro, as Eglogae, composições em latim produzidas nos últimos anos de sua vida, nas quais Dante se engaja em um diálogo bucólico com o humanista Giovanni del Virgilio. À primeira vista, separam-nas não apenas o tempo, mas também a língua, o gênero e o contexto de produção. No entanto, uma leitura atenta revela que essas obras estão ligadas por fios sutis mas consistentes, que permitem vislumbrar a unidade do percurso dantesco.

A justificativa para este estudo reside na necessidade de superar uma visão fragmentária da produção do autor, que tende a privilegiar a Commedia em detrimento de outras obras, ou a estabelecer hierarquias entre elas. Como observa Barolini (2014), a crítica frequentemente trata a Vita Nuova como um prelúdio imaturo da obra maior, e as Eglogae como um curiosidade marginal. No entanto, é precisamente na articulação entre esses textos que se pode compreender melhor a evolução do pensamento dantesco sobre questões centrais como a relação entre amor e conhecimento, a função da poesia, e a tensão entre tradição clássica e inovação vernácula.

O problema de pesquisa que orienta este artigo pode ser formulado da seguinte maneira: como Dante articula, entre a Vita Nuova e as Eglogae, uma poética da transição que reconcilia o lírico e o bucólico, o vernáculo e o latim, a experiência subjetiva e a reflexão coletiva? A hipótese é que essas obras não representam estágios desconectados, mas rather momentos de um mesmo movimento de busca por uma linguagem capaz de expressar o divino no humano, o eterno no temporal.

O arcabouço teórico que sustenta a análise inclui contribuições da crítica dantológica, como os trabalhos de Contini (1970) sobre a linguagem de Dante, e de Hollander (2001) sobre a relação entre o poeta e a tradição clássica. Além disso, dialoga com reflexões sobre a filosofia da linguagem em Heidegger (2003) e Agamben (1996), que ajudam a pensar o estatuto da palavra poética como medium entre o humano e o transcendente.

O artigo está organizado em três seções principais. A primeira examina a Vita Nuova como laboratório de uma poética do amor e da memória, na qual Dante experimenta com formas de representar a experiência subjetiva. A segunda analisa as Eglogae como espaço de diálogo com a tradição bucólica, onde o poeta reflete sobre a função social da poesia e sua relação com a

linguagem. A terceira e última seção explora as continuidades e descontinuidades entre essas obras, argumentando que elas formam um arco coerente que antecipa e prepara a Commedia.

A Vita Nuova: amor, memória e a invenção do sujeito lírico

A Vita Nuova é geralmente lida como uma obra de juventude, um testemunho do amor de Dante por Beatrice e um exercício de estilo que prepara a escrita da Commedia. No entanto, reduzir essa obra a um estágio preliminar é negar sua complexidade e originalidade. Como mostra Foster e Boyde (1967), a Vita Nuova é uma obra profundamente autoconsciente, na qual Dante não apenas narra sua experiência, mas também reflete sobre o processo de transformá-la em poesia.

A estrutura da obra é significativa: alternando prosa e poesia, Dante cria um dispositivo textual que permite tanto a expressão emocional imediata (nos poemas) quanto a análise reflexiva (na prosa). Esse duplo registro corresponde à dupla natureza da experiência amorosa: por um lado, é uma força que irrompe no sujeito e o transforma; por outro, é um fenómeno que pode ser interpretado e dotado de significado. Como escreve Dante no primeiro capítulo: "In quella parte del libro de la mia memoria, dinanzi a la quale poco si potrebbe leggere, si trova una rubrica la quale dice: Incipit vita nova" (Dante, 1965, p. 3). A metáfora do livro da memória é crucial: ela sugere que a vida não é simplesmente vivida, mas sempre já interpretada, inscrita em uma narrativa que lhe dá forma e sentido.

Os sonetos e canções da Vita Nuova são experimentos com a linguagem poética para expressar o indizível da experiência amorosa. No sonetto "Tanto gentile e tanto onesta pare", por exemplo, Dante tenta captar o efeito quase miraculoso que Beatrice exerce sobre aqueles que a veem:

> Tanto gentile e tanto onesta pare
> la donna mia, quand'ella altrui saluta,
> ch'ogne lingua deven tremando muta,
> e li occhi no l'ardiscon di guardare.
> (Dante, 1965, p. 24)

A linguagem aqui é ao mesmo tempo precisa e evanescente: Dante descreve o comportamento dos observadores para sugerir a qualidade inefável de Beatrice, que não pode ser diretamente nomeada. Esse jogo entre dizer e não-dizer é central na poética da Vita Nuova: a

linguagem poética não é um instrumento transparente, mas um medium que deve negociar constantemente com seus próprios limites.

A figura de Beatrice herself evolui ao longo da obra: de objeto de desejo erótico, ela se transforma em símbolo de graça divina, antecipando seu papel na Commedia. Essa transformação não é apenas temática, mas também linguística: à medida que Beatrice se torna mais transcendente, a linguagem que tenta capturá-la deve se tornar mais elaborada, mais consciente de sua própria inadequação. Como observa Singleton (1949), a Vita Nuova é a história de uma educação sentimental e poética, na qual Dante aprende a usar a linguagem não para possuir o objeto amado, mas para testemunhar seu poder transformador.

A morte de Beatrice marca uma virada crucial na obra: se antes a poesia era um instrumento de celebração e lamentação, agora ela se torna um veículo de transcendência. No sonetto "Li occhi dolenti per pietà del core", Dante escreve:

> Ita n'è Beatrice in l'alto cielo,
> nel reame ove li angeli hanno pace,
> e sta con loro, e voi, donne, ha lassate.
> (Dante, 1965, p. 27)

A linguagem aqui é mais contida, mais solene, como se a própria sintaxe se ajustasse à gravidade do evento. A poesia já não é primarily expressão de emoção pessoal, mas medium de contemplação do eterno. Essa evolução prefigura o movimento que levará Dante das formas líricas da Vita Nuova para a arquitetura épica da Commedia.

As Eglogae: diálogo bucólico e reflexão sobre a linguagem poética

Se a Vita Nuova é uma obra de juventude, escrita em volgare e centrada na experiência subjetiva, as Eglogae são obras de maturidade, compostas em latim e engajadas em um diálogo com a tradição clássica. Escritas por volta de 1319-1320, elas respondem a um convite de Giovanni del Virgilio, professor de retórica em Bolonha, que havia criticado Dante por escrever em vernáculo e sugerido que ele deveria compor em latim para alcançar maior prestígio.

As Eglogae são, portanto, desde sua origem, obras sobre a linguagem poética e seu estatuto cultural. Ao adotar o gênero bucólico, Dante se inscreve em uma tradição que remonta a Teócrito e Virgílio, mas também a transforma profundamente. Como nota Martinez (1995), a bucólica virgiliana já não era simplesmente um gênero pastoral, mas um espaço de reflexão metapoética, onde se discutiam questões de estilo, linguagem e função social da poesia. Dante

leva essa tendência a um novo nível, usando a forma bucólica para debater precisamente o valor relativo do latim e do vernáculo.

Na primeira égloga, Dante (sob o pseudónimo de Tityrus) responde a Giovanni (Mopsus) que, embora aprecie o convite para escrever em latim, não pode abandonar seu projeto de escrever em volgare:

> Nonne triumphales melius pexare capillos
> et patrio, redeam si quando, abscondere canos
> fronde sub inserta solitum flavescere Sarno?
> (Dante, 1998, p. 2)

A metáfora é significativa: Dante compara a linguagem poética a cabelos que podem ser penteados de diferentes maneiras. A imagem sugere que a escolha entre latim e vernáculo não é uma questão de superioridade intrínseca, mas de adequação a um contexto e a um projeto poético específico. O "Sarnus" (o rio Sarno, perto de Nápoles) simboliza aqui a tradição poética italiana, que Dante está ajudando a construir.

A segunda égloga desenvolve ainda mais essa reflexão sobre a linguagem. Dante descreve um cenário bucólico ideal onde pastores (poetas) de diferentes tradições podem dialogar harmonicamente:

> Archades exultant audito carmine Nymphe
> pastoresque boves et oves hirteque capelle
> arrectisque onagri decursant auribus ipsi.
> (Dante, 1998, p. 6)

A cena é utópica: a poesia tem o poder de unir não apenas humanos, mas todos os seres vivos. No entanto, essa harmonia não significa homogenização: cada poeta mantém sua voz distintiva, sua linguagem específica. Dante não está argumentando pela superioridade do vernáculo sobre o latim, ou vice-versa, mas rather pela possibilidade de uma convivência fecunda entre diferentes tradições linguísticas e poéticas.

Esse pluralismo linguístico é notável vindo de um autor que, na De vulgari eloquentia, havia defendido a necessidade de um vernáculo ilustre, padronizado. Nas Eglogae, Dante parece adotar uma posição mais flexível, mais consciente da riqueza que pode emergir do diálogo entre diferentes registros. Como sugere Ascoli (2008), essa evolução reflete a experiência prática de Dante como poeta: tendo experimentado com sucesso both o vernáculo e o latim, ele reconhece que cada linguagem tem suas potencialidades e limitações específicas.

As Eglogae também são significantes pelo que revelam sobre a autoimagem de Dante em seus últimos anos. Ao adoptar o pseudónimo de Tityrus (o mesmo usado por Virgílio nas suas Éclogas), Dante se coloca explicitamente na linhagem do poeta romano, mas também a transforma. Se Virgílio tinha usado a bucólica como prelúdio para a épica, Dante a usa como espaço de reflexão sobre o próprio ato de escrever poesia. Essa metapoesia antecipa em certa medida o autocomentário que caracterizará a Commedia, onde Dante frequentemente reflete sobre suas escolhas linguísticas e formais.

Continuidades e descontinuidades: um arco poético

Tendo examinado separadamente a Vita Nuova e as Eglogae, importa agora considerar como essas obras se relacionam entre si e com o conjunto da produção dantesca. À primeira vista, as diferenças são óbvias: uma obra de juventude em vernáculo, centrada na experiência amorosa subjectiva; outra de maturidade em latim, engajada em diálogo com a tradição clássica. No entanto, uma leitura mais atenta revela continuidades profundas que permitem vislumbrar a unidade do projecto dantesco.

Uma primeira continuidade diz respeito à reflexão sobre a linguagem poética. Tanto na Vita Nuova quanto nas Eglogae, Dante demonstra uma consciência aguda dos limites e potencialidades da palavra poética. Na Vita Nuova, essa reflexão é primarily orientada para a expressão do experiência interior: como capturar em palavras uma experiência que, por definição, excede a linguagem? Nas Eglogae, a questão é mais sociológica: como situar a poesia em um panorama cultural complexo, onde coexistem diferentes tradições linguísticas? Mas em ambos os casos, Dante recusa uma concepção instrumental da linguagem, insistindo rather em seu carácter mediador, negociador.

Uma segunda continuidade diz respeito ao estatuto do poeta. Tanto na Vita Nuova quanto nas Eglogae, Dante se apresenta como uma figura em transição, em processo de formação. Na Vita Nuova, ele é o jovem poeta que aprende a transformar sua experiência amorosa em poesia. Nas Eglogae, é o poeta maduro que reflete sobre seu lugar na tradição e sobre suas escolhas linguísticas. Em ambos os casos, a figura do poeta não é dada, mas construída através do próprio acto de escrever. Como nota Durling (1976), essa auto-constituição do sujeito poético é uma característica distintiva da obra dantesca, que culminará na Commedia, onde Dante se representa simultaneamente como autor, personagem e leitor de sua própria obra.

Uma terceira continuidade, perhaps a mais importante, diz respeito à relação entre amor e conhecimento. Na Vita Nuova, o amor por Beatrice é initially uma força perturbadora que desorganiza a subjectividade do poeta, mas gradualmente se transforma em um princípio de ordenação que dá sentido à sua experiência. Nas Eglogae, esse tema não é central, mas está presente na medida em que o diálogo poético é apresentado como uma forma de amor intelectual que une os poetas além de suas diferenças linguísticas e culturais. Em ambos os casos, o amor não é simplesmente um tema entre outros, mas rather a força motriz que impulsiona a busca poética e filosófica.

É claro que há também descontinuidades importantes entre as duas obras. A mais óbvia é a escolha linguística: ao escrever em latim nas Eglogae, Dante está se dirigindo a um público culto, familiarizado com a tradição clássica, enquanto a Vita Nuova era acessível a um público mais amplo. Essa diferença reflecte não apenas uma evolução na carreira de Dante, mas também uma mudança no contexto cultural italiano, onde o vernáculo estava gradualmente ganhando estatuto como língua de cultura.

Outra descontinuidade diz respeito ao género literário: a Vita Nuova é uma obra híbrida, que combina prosa e poesia, narrativa e análise, enquanto as Eglogae adoptam uma forma fixa, o diálogo bucólico em versos. Essa diferença formal reflecte diferentes concepções da função da poesia: na Vita Nuova, a poesia está intimamente ligada à experiência pessoal; nas Eglogae, ela é primarily um medium de diálogo com a tradição.

No entanto, essas descontinuidades não devem ser supervalorizadas. Como argumenta Jacoff (1993), a obra dantesca é caracterizada precisely pela sua capacidade de integrar elementos aparentemente discrepantes em uma visão coerente. A Commedia será a síntese suprema desse esforço, integrando o lírico e o épico, o pessoal e o universal, o vernáculo e o latino. Tanto a Vita Nuova quanto as Eglogae podem ser lidas como preparações para essa síntese, como laboratórios onde Dante experimenta com diferentes possibilidades de expressão poética.

A linguagem como corpo político: a Vita Nuova e as Eglogae na construção de uma poética da vulnerabilidade

A crítica dantológica tradicional tende a ler a Vita Nuova como um tratado de interioridade e as Eglogae como um exercício de erudição clássica. Este capítulo propõe uma inversão radical dessa perspectiva: ambas as obras são, antes de tudo, performances de um

corpo linguístico vulnerável, que expõe publicamente suas fissuras, suas dores e suas negociacoes com o poder simbólico das linguagens. Longe de serem meros estágios preparatórios, elas são o laboratório onde Dante experimenta a linguagem como um corpo político, sujeito às leis do desejo, da morte e da história. Esta leitura se afasta das interpretações espiritualizantes ou esteticistas para enfocar a materialidade da palavra danteana como um campo de forças em conflito.

Na Vita Nuova, a linguagem não é um medium transparente para expressar o amor, mas um corpo doente que sintomatiza a crise do sujeito. O famoso trecho inicial – "In quella parte del libro de la mia memoria" – não inaugura uma narrativa linear, mas sim uma arqueologia de um trauma. O "libro" não é uma metáfora innocente; é o palimpsesto onde se inscrevem as marcas de uma subjetividade em fratura. Os sonetos não são composições harmoniosas, mas espasmos linguísticos, convulsões de um corpo poético que luta para nomear o que o excede. Quando Dante descreve o efeito de Beatrice – "ogne lingua deven tremando muta" –, ele não está a celebrar o sublime, mas a constatar uma paralisia da linguagem, uma afasia coletiva perante um evento que desorganiza a ordem do dizível. A linguagem, aqui, é sintoma: ela gagueja, treme, cala-se. Esta vulnerabilidade radical contraria a imagem do Dante soberano da Commedia e revela um sujeito antes da lei, antes da aquisição de uma linguagem estável e autorizada.

A morte de Beatrice opera uma virada crucial: a linguagem do luto não é mais sintoma, mas resto, sobrevivência. O poeta não encontra consolo na transcendência, mas confronta-se com o puro materialismo da perda. O soneto "Li occhi dolenti" não fala de salvação, mas da fisicalidade do sofrimento: os olhos que doem, o coração que palpita de angústia, a voz que se quebra. A linguagem já não aspira a capturar o eterno; contenta-se em registrar a ferida, como um notário do desastre. Esta poética do resto antecipa questões centrais da filosofia contemporânea (Agamben, 2002), para quem o sujeito se constitui na relação com o que lhe falta, com o que sobrevive à catástrofe. Dante, aqui, é menos um místico e mais um arquivista da perda, um poeta que entende que a linguagem é feita da mesma matéria precária que o corpo que a produz.

Nas Eglogae, essa vulnerabilidade assume um carácter explicitamente político. O diálogo com Giovanni del Virgilio não é um debate académico sobre estilo, mas uma negociação de sobrevivência cultural. Ao escrever em latim, Dante não está a trair o volgare; está a infiltrar-se no território do poder. O latim é a língua da auctoritas, da universidade, da

Igreja. Ao usá-lo, Dante pratica uma forma de contrafação estratégica: fala a língua do império para lhe roubar a autoridade e concedê-la ao vernáculo exilado. A escolha do género bucólico é genial: é um espaço ambíguo, marginal, onde os subalternos (pastores) podem falar com ironia sobre o centro do poder (a cidade). Quando Tityrus (Dante) hesita em abandonar os seus campos (o volgare), ele não está a expressar uma preferência estética; está a defender um espaço de autonomia linguística contra a homogenização cultural imposta pelo latim académico.

A resposta de Dante a Giovanni é, portanto, um acto de dissidência camuflada. As suas palavras – "Nonne triumphales melius pexare capillos..." – são uma ironia finíssima: ele compara a linguagem poética a cabelos que se penteiam de diferentes formas, sugerindo que a autoridade não é inerente à língua, mas performativa. O poder não reside no latim em si, mas no consenso que o rodeia. Ao recusar o convite de Giovanni, Dante não recusa o diálogo; pelo contrário, força o latim a dialogar com uma alteridade linguística que ele não pode assimilar. Esta estratégia antecipa o que os estudos pós-coloniais chamarão de mimetismo subversivo: o uso das ferramentas do colonizador para minar a sua autoridade.

O que une a Vita Nuova às Eglogae, então, não é uma evolução espiritual, mas uma consistência na vulnerabilidade. Em ambas, Dante coloca o seu corpo linguístico em risco: na primeira, expondo-o à doença do amor e à trauma da morte; na segunda, expondo-o ao conflito político das línguas. Em ambas, a linguagem não é um instrumento de dominação, mas um corpo que resiste à captura pelos discursos hegemónicos – seja o do amor cortês idealizado, seja o do humanismo latino dogmático.

Esta leitura permite reler a Commedia não como uma superação desta vulnerabilidade, mas como a sua amplificação cósmica. O poema maior não abandona a materialidade do corpo e da linguagem; pelo contrário, leva-a ao extremo: o corpo de Dante sofre, treme, cai, suja-se no Inferno; a sua linguagem incorpora dialetos, jargões, neologismos, latim, numa polifonia que é a antítese de uma língua pura e autorizada. A Commedia é a celebração final de uma poética da vulnerabilidade, onde a autoridade poética não vem de uma suposta posse da verdade, mas da coragem de se expor ao risco do erro, do conflito e da imperfeição.

Dante, portanto, não é o poeta soberano que domina a linguagem desde uma posse transcendental; é o poeta que se deixa dominar pela linguagem, que se expõe às suas fracturas, às suas contradições, às suas violências. A sua grandeza não está na construção de um sistema fechado, mas na abertura radical de um corpo linguístico que se oferece, vulnerável, ao conflito do mundo. Esta visão desestabiliza a imagem monumental do Dante "padre della lingua" e

restitui-nos um poeta estranho, desconcertante, radicalmente contemporâneo: um poeta que entendeu que a linguagem é, antes de tudo, um corpo político, e que a única forma de lhe dar vida é aceitar a sua fundamental vulnerabilidade.

Considerações finais

Este artigo procurou demonstrar que a Vita Nuova e as Eglogae, longe de serem obras marginais ou preliminares na produção dantesca, são momentos essenciais de um percurso poético coerente. Através da análise dessas obras, foi possível traçar a evolução do pensamento de Dante sobre questões centrais como a natureza da linguagem poética, a função social do poeta, e a relação entre amor e conhecimento.

A hipótese inicial – de que Dante articula entre essas obras uma poética da transição que reconcilia o lírico e o bucólico, o vernáculo e o latim – mostrou-se produtiva. Tanto na Vita Nuova quanto nas Eglogae, Dante demonstra uma consciência aguda dos desafios e potencialidades da linguagem poética, recusando tanto um purismo linguístico quanto um relativismo indiscriminado. Instead, ele insiste na necessidade de adaptar a linguagem aos objectivos específicos de cada obra, mantendo ao mesmo tempo um diálogo fecundo com a tradição.

Os resultados da análise sugerem que a distinção tradicional entre obras "menores" e "maiores" de Dante é enganadora. A Vita Nuova não é simplesmente um prelúdio da Commedia, mas uma obra com valor intrínseco, onde Dante desenvolve uma reflexão original sobre a relação entre experiência subjectiva e expressão poética. Similarly, as Eglogae não são um desvio marginal, mas uma contribuição importante para a reflexão sobre o pluralismo linguístico e cultural.

Este estudo abre perspectivas para pesquisas futuras. Seria interessante, por exemplo, investigar como a reflexão sobre a linguagem desenvolvida na Vita Nuova e nas Eglogae ressoa em obras contemporâneas de outros autores, como Petrarca ou Boccaccio. Outra linha de pesquisa promissora seria examinar como a recepção dessas obras evoluiu ao longo do tempo, e como elas foram lidas por poetas e críticos de diferentes épocas.

Em conclusão, a Vita Nuova e as Eglogae testemunham a riqueza e complexidade do projecto dantesco. Lidas em conjunto, elas revelam um poeta constantemente em busca de uma linguagem adequada para expressar a complexidade da experiência humana em sua dimensão tanto individual quanto colectiva, tanto temporal quanto eterna. Essa busca culminará na

Commedia, mas já está plenamente presente nessas obras aparentemente menores, que merecem ser estudadas em seu próprio direito, não apenas como etapas preliminares de uma jornada maior, mas como momentos autónomos de uma reflexão poética e filosófica das mais profundas da tradição ocidental.

Referências

AGAMBEN, G. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

ASCOLI, A. R. Dante and the Making of a Modern Author. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

BAROLINI, T. Dante's Lyric Poetry: Poems of Youth and of the 'Vita Nuova'. Toronto: University of Toronto Press, 2014.

CONTINI, G. Varianti e altra linguistica: una raccolta di saggi. Torino: Einaudi, 1970.

DANTE ALIGHIERI. Vita nuova. In: _____. Tutte le opere. Firenze: Edizioni G. Barbera, 1965. p. 3-45.

DANTE ALIGHIERI. Egloghe. In: _____. Tutte le opere. Roma: Newton Compton, 1998. p. 1-8.

DURLING, R. M. The Figure of the Poet in Renaissance Epic. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

FOSTER, K.; BOYDE, P. Dante's Lyric Poetry. Oxford: Oxford University Press, 1967.

HEIDEGGER, M. A caminho da linguagem. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.

HOLLANDER, R. Dante: A Life in Works. New Haven: Yale University Press, 2001.

JACOFF, R. (Ed.). The Cambridge Companion to Dante. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTINEZ, R. L. Dante and the Two Canons: Statius, Virgil, and the Modernity of the 'Commedia'. In: DAVID, S.; GILSON, S. (Ed.). Dante and the Origins of Italian Literary Culture. New York: Fordham University Press, 2006. p. 55-69.

SINGLETON, C. S. An Essay on the Vita Nuova. Cambridge: Harvard University Press, 1949.